

# A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL COMO UM ESPAÇO DE LIBERDADE

Liliana Melim<sup>1</sup> & Liliana Rodrigues<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Museu de Arte Sacra do Funchal, lilimelim@gmail.com

<sup>2</sup>CIE-UMa, FCS – Universidade da Madeira, lilianagr@staff.uma.pt

## Resumo

As instituições onde se pratica a educação não-formal oferecem atividades que promovem a aprendizagem fora dos ambientes tradicionais da escola e permitem o contacto direto com o património material e imaterial das localidades, num ambiente enriquecedor de carácter voluntário e revelador de interesse por parte dos estudantes. Os estudantes envolvem-se mais no processo de aprendizagem, são curiosos, atentos e críticos nas atividades. Essa educação não-formal revela-se como uma construção de identidades e de autonomias que se movem entre um currículo espartilhado pelas obrigações de ensino e a autonomia de se decidir o que se aprende. Serão sempre os estudantes a recusar ou a aceitar o que o país lhes quer dar pela educação formal. No caso da educação não formal a decisão será sempre deles. Isto significa que a educação não-formal é um espaço de liberdade no sentido mais profundo que a filosofia freiriana nos oferece: a educação para a liberdade.

**Palavras-chave:** educação não-formal, currículo, aprendizagem, liberdade, Paulo Freire.

## NON-FORMAL EDUCATION AS A PLACE OF FREEDOM

### Abstract

Institutions where non-formal education is practiced offer activities that promote learning outside the traditional school environments and allow direct contact with the material and immaterial heritage of the localities, in an enriching environment of a voluntary and revealing interest on the part of students. Students become more involved in the learning process and are curious, attentive and critical of the activi-

ties. This non-formal education reveals itself as a construction of identities and autonomies that move between a curriculum shared by the obligations of teaching and the autonomy to decide what one learns. It will always be the students who refuse or accept what the country wants to give them for formal education. In the case of non-formal education, the decision will always be theirs. This means that non-formal education is a place of freedom in the deepest sense that freirian philosophy offers us: education for freedom.

**Keywords:** non-formal education, curriculum, learning, freedom, Paulo Freire.

## Educação não-formal como espaço de liberdade

Existe uma certa tendência em se confundir educação informal com educação não-formal, sendo uma certeza de que as duas são definidas como opostas à educação formal. A educação formal é aquela que é praticada de modo intencional, dentro das instituições formais/ escolares de educação segundo o currículo oficialmente e formalmente estabelecido.

Para clarificar o conceito de educação não-formal considere as definições de Libâneo (2014) que categoriza a educação em duas modalidades, a educação não-intencional e intencional. Educação não-intencional refere-se à educação informal. Este tipo de educação é inerente ao processo de socialização, concentra-se nas dinâmicas familiares e no contexto da comunidade. A educação-intencional engloba as dimensões formal e não-formal inerentes ao processo educativo. Apesar das duas coexistirem na formação da personalidade do indivíduo, não se devem confundir de modo algum. De momento, atentaremos apenas ao conceito da educação intencional na dimensão da educação não-formal.

Libâneo define esta dimensão não-formal como as atividades de carácter intencional, com implicação pedagógica, porém não formalizada, menos estruturada e sistemática, refere ainda como exemplos “o caso dos movimentos sociais organizados na cidade ou no campo, os trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação social, os equipamentos urbanos culturais e de lazer (museus, cinemas praças, áreas de recreação)” (Libâneo, 2014, p. 89).

Considerando também a definição de Maria da Glória Gohn, a autora descreve o seu conceito de educação não-formal como “um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o sociopolítico como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade.” (2015, p.16).

Podemos então determinar que a educação não-formal tem carácter institucional e intencional, compreende processos de socialização, mas não segue a estrutura rígida de organização do conhecimento da educação formal segundo o currículo oficial. Podemos também diferenciar as duas pelos espaços em que atuam, limitando a educação formal ao edifício escola e a educação não-formal

aos espaços já mencionados que ultrapassam os muros das instituições educativas formais.

Define-se, assim, a educação não-formal como um espaço privilegiado para enriquecimento e complemento do currículo formal, onde o currículo informal evidencia-se como promotor das aprendizagens.

Recorrendo à minha experiência pessoal, em parte adquirida no campo da educação formal, mas atualmente exercida na modalidade não-formal, considero os museus como espaços favoráveis às aprendizagens complementares ao currículo oficial. As solicitações para as visitas orientadas ao Museu de Arte Sacra do Funchal, objetivam o complemento do currículo formal das várias disciplinas proponentes. Os estudantes vêm observar in loco as obras estudadas nas aulas, obras estas abrangem um vasto conjunto de conteúdos previstos no currículo oficial. Mais afirmo que no decorrer da minha prática pedagógica desenvolvo várias atividades que ultrapassam as parcelas disciplinares, numa abordagem interdisciplinar.

Entendo, portanto, que nas instituições culturais e de lazer que possuam serviços educativos de carácter não-formal, propiciam-se iniciativas tão ou mais enriquecedoras, potenciadoras da aprendizagem dos conhecimentos propostos nos currículos oficiais. Espaços profícuos onde se podem considerar as duas dimensões da educação.

As aprendizagens no contexto do museu baseiam-se, essencialmente, na troca de experiências entre o educador, mediador das ações educativas, e os estudantes, por norma muito inquiridores, que se envolvem, de modo voluntário, na construção das narrativas que elencam as obras, o educador e as próprias vivências do estudante. Gera-se, neste contexto, uma dinâmica interativa na partilha de vivências, que é permitida e valorizada. Não existe uma sequência rígida ou linear na construção do conhecimento, apesar da intencionalidade pedagógica. Nas dinâmicas educativas do museu o saber está em contante construção e é orientado para as características dos grupos. Os objetivos são ampliar a capacidade de entendimento do meio que circunda os estudantes e guiá-los no desenvolvimento do seu pensamento crítico, num ambiente de liberdade e de construção da aprendizagem.

Beneficia a educação não-formal, livre da obrigatoriedade das diretrizes curriculares do estado, de um espaço onde as ações se desenvolvem sempre com autonomia, tanto pelo educador e estudantes, como na gestão dos discursos e dos tempos.

Uma questão com que me tenho debatido ao longo da minha prática pedagógica é o porquê da maioria dos alunos ainda apresentar uma certa resistência ao currículo formal, revelando um maior interesse pela natureza das atividades de carácter informal.

Sem recurso a uma investigação mais exaustiva consigo retirar algumas ilações, ainda com a salvaguarda de precisar de sistematizar esta visão. Normalmente os estudantes são mais recetivos aos desafios de carácter voluntário, em ambientes mais informais e quando o peso da avaliação não é focado nos resultados, mas sim no processo (onde prevalece a avaliação formativa ou até ausência de avaliação quantitativa, ou formal).

Relativamente às aprendizagens, elas são mais eficazes quando o estudante se envolve na construção do conhecimento, quando é mais ativo no processo, quando inquire, pesquisa, manipula os materiais e a informação. Além de mais, quando é motivado revela que aprendeu e que gostou de aprender. As situações apontadas ainda predominam nos contextos e nas atividades de carácter informal, dificilmente realizadas no contexto da sala de aula.

O modelo tradicional de educação, fortemente enraizado nas escolas para além de desatualizado e contestado, não promove as melhores condições de aprendizagem. Apesar da evolução tecnológica e da legislação de novas metodologias e ferramentas a privilegiar, ainda se observam algumas práticas tradicionais na escola atual, as salas de aulas têm a mesma configuração há mais de uma centena de anos, os recursos tecnológicos recriam a função do quadro preto, predomina a relevância nos processos da didática preterindo a matemática, a avaliação continua focada nos resultados, o papel do professor não se alterou com significância, os alunos continuam a apresentar insucesso.

Os contextos e atividades em que prevalece o currículo informal são em norma mais apreciados pelos alunos. Será a avaliação o fator desmotivador para os alunos? Ou será o próprio ambiente informal, descontraído mais apelativo? Será este panorama resultado do peso que o currículo oficial/formal ainda exerce na determinação das práticas pedagógicas? Será que a construção do currículo por ambos os intervenientes, representa uma positividade para a aprendizagem? E para o ensino? As respostas a estas questões requerem uma investigação mais profunda para que não se enverede por conclusões simplistas ou redutoras da sua devida importância.

Não querendo intentar numa atitude de resistência à educação formal, posso afirmar com segurança que o envolvimento dos estudantes e dos educadores na construção participada do currículo só traria proveito ao processo de ensino-aprendizagem porque, efetivamente, são eles os intervenientes diretamente implicados neste processo. Esta seria uma vantagem impulsionadora das aprendizagens, que conduziria ao objetivo que se pretende alcançar na educação, encaminhar os estudantes para o sucesso e melhorar a eficácia e a qualidade do ensino, não descurando a aprendizagem.

“A própria inovação, nomeadamente a tecnológica, é uma adaptação às estratégias de reprodução social. Ao entendimento técnico e às destrezas tecnológicas correspondem o poder de controlar a informação e daqui resulta o poder de controlar a vida dos outros. Há um modelo mecanicista, estruturado e burocrático que reflete a nossa cultura e que inspirou os modos de aprender e de ensinar” (Rodrigues, L., 2011, p.137)

O que se pretende é fazer da aprendizagem um construto contínuo apoiado pela educação não-formal que se liberta das burocracias acentuadas da educação formal (fortemente concentrada no ensino, na transmissão dos saberes e currículo bem definido e estruturado) aflui na filosofia de Freire (1967) no que concerne a um possível contributo para o empoderamento dos aprendentes. A formação integral do indi-

víduo na sua plenitude de ser social, na sua humanização, na sua configuração de “homem-sujeito oposto ao homem-objeto” produto da educação de massas (p. 35).

Inerente à pedagogia que se pratica neste museu, não se descarta a responsabilidade de apelar à consciência dos seus públicos para uma participação ativa na comunidade envolvente. A educação não-formal deve assumir então, um papel na conscientização dos aprendentes, convergindo na perspectiva de Freire quando este enfatiza a sua importância como “uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e por isto respeitadora do homem como pessoa.” (p. 37)

Por se distanciar o suficiente da formalidade imposta pelo estado, a educação não-formal pode potenciar no indivíduo, como reflete Freire (1967), “uma educação que fosse capaz de colaborar com ele na indispensável organização reflexiva de seu pensamento.” (p. 106). Uma educação que permita “Ser Mais” (Freire 1994, p. 33).

Perante o exposto não se pretende subvalorizar a importância da modalidade formal da educação, até porque esta caminha atualmente numa direção mais favorável, mas apresentar vantagens do recurso à dimensão não-formal, no atinente à promoção de uma aprendizagem efetivamente mais significativa.

Os diferentes modos de atuação da educação não-formal e formal, vão-se transformando aos poucos, ficando cada vez mais difícil dissociá-los. Como afirma Libâneo (2014): “Ver a educação como prática social dissolvida nos movimentos sociais é uma socialização da educação que empobrece a Pedagogia; ver a educação apenas no âmbito escolar é pedagogismo que empobrece uma visão contextualizada da prática educativa escolar.” (p. 90)

Será interessante também refletir acerca da perspectiva de Libâneo, quando afirma o seguinte:

“Todavia nem por isso um sistema educacional se reduz à educação formal”, já que existem instituições educativas de caráter não-formal, não convencional nas quais há intencionalidade e certo grau de institucionalização e organização. Cumpre assim demarcar o entendimento de que sistema educacional que compreendam ações educativas que guardam o caráter de intencionalidade, de tipo formal e não-formal.” (Libâneo, 2014, p. 93)

Prevê-se com as novas abordagens da implementação e gestão do currículo que os limites entre as duas dimensões fiquem mais difusos, sendo que é inegável a complementaridade entre as duas.

## Referências Bibliográficas

Freire, P. (1967). *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (1994). *Pedagogia do Oprimido*. (pp. 16-45). São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (2002). *Pedagogia da autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Gohn, M. (2015). *Educação não formal no campo das artes*. (pp. 15-27). São Paulo: Cortez Editora.

Libâneo, J. (2014). *Pedagogia e pedagogos, para quê?*. (pp. 86- 93). São Paulo: Cortez Editora.

Rodrigues, L. (2011). *Ensino Profissional: o estigma das mãos mais do que a cabeça*. Mangualde: Ed. Pedagogo. ISBN: 978-989-8449-11-5.